

ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: A TRANSCENDÊNCIA DA TEORIA CRÍTICA DE HABERMAS E OS PARADIGMAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Aspects of information science epistemological: the
transcendence of critical theory of habermas and the
paradigms of information science

Jetur Lima de Castro

Graduando de Biblioteconomia na Universidade Federal do Pará, Brasil.

Luiz Eduardo Ferreira da Silva

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
Docente na Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

RESUMO: A pesquisa visa compreender os paradigmas da Ciência da Informação (CI) através da teoria crítica de Habermas, buscando através dos indícios interpretativos encontrar as pistas para as incertezas epistemológicas desses paradigmas a partir de um olhar histórico-hermenêutico. O objetivo do estudo é investigar os paradigmas da CI identificados por Capurro considerando a perspectiva histórico-hermenêutica e a interlocução com a teoria crítica de Habermas, visando oferecer uma percepção mais crítica destes paradigmas. No percurso metodológico abordamos a investigação teórica, com auxílio da hermenêutica com base bibliográfica. Os resultados mostram que pode ser empregado dentro dos paradigmas da informação os estudos emancipatórios através de uma ação comunicativa. Por fim, devemos pensar nos terrenos tomados como verdade na CI na Biblioteconomia de modo a pensar em uma reforma necessária para reconstruir os paradigmas dirimidos da CI.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia. Paradigmas. Teoria Crítica. Ciência da Informação..

ABSTRACT: This research aims to understand the paradigms of Information Science (IS) through the critical theory of Jürgen Habermas, searching through the interpretative signs some clues to the epistemological uncertainties of these paradigms from a historical-hermeneutic point of view. The objective of this study is to investigate the paradigms of IS identified by Capurro under the historical-hermeneutic perspective

and the dialogue with the critical theory of Habermas in order to offer a more critical perception of these paradigms. In the methodological approach we reviewed the theoretical research, with the aid of the bibliographic basis hermeneutics. The results show that within the paradigms of information, the emancipatory studies can be employed through a communicative action. Finally, we must think in the grounds taken as true in IS and Librarianship in a way to think of a necessary reform to rebuild the settled paradigms of IS.

KEYWORDS: Epistemology. Paradigms. Critical Theory. Information Science.

1 Introdução

No processo de desenvolvimento da sociedade, as ações humanas seguem em grande desordem com o um entendimento e a concepção do mundo. Sendo composta dos homens, a ciência em todas as suas fases de evolução nos mostra que a teoria e a prática se baseiam em uma visão de mundo, onde a ciência procura explicar os fenômenos que lhe interessam. Dessa forma, todo o aprendizado humano está associado há determinado tempo da história. Sendo assim, o resultado deste tempo da história provoca limitações no estado social da humanidade implicando de forma a determinar teorias que não são absolutas e que no transcorrer da história são instruídas por outras. Diante dessas várias relações a sociedade vai evoluindo, e uma dessa relações está associada ao elo com a informação. Logo, a CI com seus caminhos voltados as discussões epistemológicas de informação vêm de certo modo tentar melhorar a interação entre as pessoas e as organizações através da informação.

Desse modo, o estudo aqui desenvolvido parte de um olhar hermenêutico, sobretudo, para compreender os paradigmas da CI, no qual são marcados pela incompreensão, podendo assim, ser contextualizado e consolidado com um olhar crítico a partir da teoria de Habermas. Sendo assim, uma linha de discussão para compreendermos o contexto dos paradigmáticos da CI foi a concepção indiciária. Assim, ao adentrarmos nesse aporte epistemológico pretendeu-se analisar os paradigmas com outro sentido, sobretudo, pela teoria crítica. Então, propomos pensar nos paradigmas da CI, com o sentido de desatar as amarras que trouxeram da ciência clássica, o paradigma (reducionista) que empregou-se no decorrer do tempo para Biblioteconomia e a CI, sobretudo, da Teoria Matemática da Comunicação (TMC), que provocou o isolamento da informação no paradigma fisicista da CI, e deu-se por elementos tradicionais das ciências empíricas dificultando o entendimento do conhecimento e sua apropriação.

Assim sendo, considera-se como objetivo do estudo investigar os paradigmas da CI identificados por Capurro considerando a perspectiva histórico-hermenêutica e a interlocução com a teoria crítica de Habermas, visando oferecer uma percepção mais crítica destes paradigmas. Deste modo, os paradigmas da CI em seu cerne voltam-se para as razões comunicativas, centradas nas atividades que se desenvolvem entorno da compreensão, através do diálogo compartilhado indicando a cooperação

uma com a outra, sobretudo, a compreensão do objeto como proposta de entender não somente um fenômeno como modelo estético, mas sim no estado transcendente ao seu interior, de modo a apresentar um diálogo com a compreensão e as diversas formas de interpretação crítica, no qual mostram-se na visão da teoria crítica de Habermas.

No percurso metodológico discurriremos as causas que norteiam o estudo, e sobre isto, abordamos a investigação teórica, qualitativa e bibliográfica. Em resumo, podemos afirmar que a pesquisa teórica não requer coleta de dados, pois de modo geral ela busca, compreender ou adequar-se no ambiente de discussão sobre determinado tema ou questões que intrigam a realidade.

Destarte, buscamos com a compressão da teoria crítica em Habermas, repensar de forma interpretativa os paradigmas da CI, sobretudo, desde o legado da Teoria da Informação de Claude Shannon e o paradigma físico da CI. Assim, podendo analisar os paradigmas de forma crítica, reflexionando a CI como uma ciência crítica, considerando os paradigmas incompreensíveis, contextualizando de fato os paradigmas a compreender seu estado epistemológico. Desta forma, aprofundamos nos aspectos hermenêuticos para evocar o caráter interpretativo, onde os paradigmas da CI passam através da ação crítica com base no conhecimento científico e nos métodos de investigação.

Dessa forma, reflexionamos os paradigmas da CI de modo crítico, considerando-os como incompreensíveis na área. Assim sendo, podendo-se discutir os traços epistemológicos que não estão esclarecidos na CI desde sua origem. Neste percurso tratamos a hermenêutica, para evocar o caráter interpretativo onde passa pela ação crítica e analítica com base nos métodos de investigação do conhecimento.

Por fim, as considerações mostram a relevância de pensar de forma crítica os paradigmas da CI, uma vez que podemos contextualizar como esses paradigmas são edificados, sobretudo, com a capacidade de compreender a informação e as aflições sociais na sociedade, sob a essência do olhar histórico-hermenêutico e o estudo interdisciplinar da CI e seus múltiplos olhares vista nos próprios profissionais da informação de maneira a repensar sobre a CI para melhor determiná-la na construção do seu núcleo.

2 Uma abordagem epistemológica da Ciência da Informação

A literatura que trata da origem e evolução do campo da CI, traça sua gênese no conhecimento interdisciplinar e nas construções da informação científica e social e, é medida a partir da explosão das informações determinada pela grande quantidade de informações para atividades como controle da produção científica, organização do conhecimento acumulado e a necessidade do desenvolvimento tecnológico durante o período da segunda guerra mundial.

Nesse âmbito a evolução teórica da Ciência da Informação vem a reboque de novas possibilidades quando referidas ao trato com a informação, o modo de organização e uso, mas, sobretudo do acesso, colocando-se várias perspectivas sobre as

questões de informações, tecnologia, armazenamento e recuperação da informação.

Ao se falar nos aspectos epistemológicos relacionados à CI, não é facilmente identificado o advento que marcou o surgimento histórico de nossa área, em contrapartida com outras áreas do conhecimento somente favoreceu uma natureza de experiências na tentativa de explicar os fenômenos informacionais.

Correlatos da década 60 e 70 mostram a CI à teoria da informação e comunicação de Claude Elwood Shannon, em que assegurada dos novos sistemas de informação versa para aspectos semânticos visando à representação da informação. Nessa questão, tornam-se visíveis os métodos de:

[...] recuperação envolvida com leis e teorias bibliométricas para explicar o comportamento e a estrutura da literatura; realizando estudos para entender a dinâmica dos processos de comunicação e o comportamento de usuário [...]. A implantação, na década de 80, dos sistemas de micro-computação, especialmente nos Estados Unidos, direcionou grande parte das pesquisas para a automação e processos a ela associados: inteligência artificial, hipertextos, bases de conhecimento, sistemas especialistas etc. (BRAGA, 1995, p. 4).

Destarte, já na década de 80 marcada pelos sistemas de automação de micro-computadores, advento da internet, a ideia de hipertexto e dos sistemas de informação, os programadores ampliavam as fronteiras da rede, instituindo novas funções para a revolucionária invenção que chegava ao alcance de toda sociedade em geral a popularização do computador pessoal. Em 1981 faz-se uma parceria das empresas Microsoft e Apple para a chegada dos computadores de mesa.

Esta década deu início ao grande aparato técnico científico informacional e que se constituíram com o advento da internet, mecanismos de busca e disseminação da informação, bases de dados de periódicos eletrônicos e a difusão de mecanismos de informação como vídeo conferências e até mesmo *blogs* e *podcasts*, técnicas de armazenagem e recuperação rápida da informação modificando diretamente do mecanismo social.

Desse modo, situamos o papel das bibliotecas e centros de documentação, no qual são responsáveis pelo trato da informação, sobre uma questão mais social e difusora do conhecimento. Nesse contexto, caminhamos brevemente pelas teorias epistemológicas do século passado em que seguidoras das correntes transcendentistas e idealistas do século XIX.

Assim, adentramos nos aspectos da análise crítica e hermenêutica proposta por Habermas (1981), em que relaciona discussões críticas de uma ciência, mas na questão da razão comunicativa e na emancipação, que podem ser relacionadas às questões paradigmáticas da CI e suas vertentes, promovendo a ideia de racionalidade na questão filosófica que justifica o uso nitidamente da razão. Com efeito, consideramos preponderante pensarmos nas que questões histórico-hermenêuticas da CI. Em Habermas (2000, p. 437) “a racionalidade deve ser entendida, antes de tudo, como a disposição dos sujeitos capazes de falar e de agir, de buscar um entendimento acerca

do mundo, orientando-se pelas pretensões de validade que estão assentadas no reconhecimento intersubjetivo”.

Para Habermas (2000) a racionalidade deve ser entendida como o objeto conexivo para ação investigativa, com o intuito de devolver ideias pela qual a racionalidade crítica vem ser umas das principais questões a serem discutidas na sociedade, para que então possa resolver seus conflitos, encontrando saídas e soluções para seus problemas. A questão da racionalidade trouxe ao homem ser inteligível, discutir sobre sua concepção como indivíduo e, por sua vez, trouxe modificações em suas atividades do dia a dia, no qual está associada aos sistemas das crenças e da diferenciação das classes causando um conhecimento de reflexão emancipatória que possibilita a condição comunicativa.

A problemática hermenêutica¹ se concebe nas ciências humanas e é especificada de modo que o conhecimento seja válido, e esteja diretamente ligado às possibilidades de compreender o conhecimento empírico usando a racionalidade em determinados tempos, em diferentes culturas e civilizações, com um fundamento crítico que possibilita outras formas de pensar e questionar a compreensão social.

A importância dessa aproximação é aspecto da teoria crítica vista por Jürgen Habermas que parte dos pressupostos hermenêuticos para compreender a relação do sujeito com o social, principalmente a partir de uma emancipação².

A compreensão hermenêutica³ é a interpretação de textos a partir do conhecimento de textos já compreendidos; ela conduz a novos processos de formação a partir do horizonte de processos de formação já realizados; trata-se de um novo processo de socialização, que se articula com uma socialização já percorrida, na medida em que ela se apropria da tradição, ela dá prosseguimento à tradição (HABERMAS, 1987, p. 237-238).

Nesta questão a hermenêutica proposta por Habermas evoca o caráter interpretativo onde passa pela ação crítica e analítica com base nos métodos de investigação do conhecimento.

A hermenêutica faz uma ligação nas ações humanas e sociais dos indivíduos, preservando sua individualidade e reagindo a inércia da objetividade das ciências duras, logo, traz possibilidades de concepção e comunicação integradas entre os

1

“O termo hermenêutico é um vocábulo grecozido, do século XVII, que ingressou, sobretudo na teologia protestante, em substituição à expressão humanístico-latina mais antiga *arsinterpretandi*. Sua origem deriva do verbo grego *ἑρμηνεύειν* que se refere ao deus Hermes, o mensageiro dos deuses, aquele que traz notícias. Por outro lado, o substantivo *ἑρμηνεύς* (intérprete) é atribuído por Platão aos poetas que estariam encarregados não só da exposição, mas também da interpretação das palavras e textos. Como observa Apel (2000), desde sua origem a hermenêutica coloca o problema da possibilidade de o ‘intérprete’ interpretar a palavra do autor sem pressupor já de antemão, em seu ‘compreender’ o que foi dito, um saber sobre a verdade ou falsidade objetiva do que se diz” (CÂNDIDO, 2007, p. 23).

2

Autorreflexão é percepção sensível e emancipação, compreensão imperativa e libertação da dependência dogmática numa mesma experiência (HABERMAS, 1987, p. 228).

3

A compreensão hermenêutica tem de acordo com sua estrutura, o objetivo de assegurar no seio das tradições culturais, uma autoconcepção dos indivíduos e dos grupos, susceptível de orientar a ação e o entendimento recíproco de diferentes grupos e indivíduos. Ela possibilita a forma de um consenso espontâneo e o tipo da intersubjetividade indireta; dela depende a atividade pertinente à comunicação (HABERMAS, 1987, p. 186).

próprios indivíduos e seus grupos buscando um entendimento vivo e recíproco.

A questão para uma hermenêutica crítica agrupa-se aos paradigmas da CI, sobretudo, com o “paradigma físico” apresentado por Capurro (2003, online) de que a “ciência da informação se inicia como teoria da *information retrieval* baseada numa epistemologia fisicista”. Capurro (2003) posiciona a teoria de Claude Shannon e Warren Weaver junto ao contexto dos paradigmas epistemológicos da CI, estes paradigmas encontram-se inteiramente ligados a Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver (1949-1972).

Numa relação crítica usamos o ato hermenêutico para compreendermos a questão do paradigma físico (sentido da informação), um objeto físico que um emissor transmite a um receptor. No entanto, ao reportamos a hermenêutica nosso intuito é indicar que o paradigma físico é pragmático e não se mostra total liberdade com a compreensão através do diálogo, sendo muito mais do que a transmissão de mensagens e comunicação de sistemas de informação. De todo modo, buscamos com o incremento da teoria Habermasiana repensar de forma interpretativa os paradigmas das CI, sobretudo, desde a herança da Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon com o (paradigma físico) da Ciência da Informação.

Para Capurro (2003, *online*):

A hermenêutica seria, assim, o título do método das ciências do espírito que permitiria manter aberto o sentido da verdade histórica própria da ação e pensamento humanos, enquanto que o método das explicações causais somente poderia aplicar-se a fenômenos naturais submetidos exclusivamente a leis universais e invariáveis.

Essa hermenêutica realiza uma integração com os sinais elétricos analisados por Shannon, um grande problema na transmissão do sinal do emissor para o receptor. No entanto, deixamos claro que a hermenêutica de Habermas acontece através de um olhar denso das racionalidades individuais, sendo assim, a hermenêutica de Capurro (2003) compreende que a função do paradigma físico priva os usuários de sua comunicação, mas isso se assemelha aos processos semânticos que foram totalmente excluídos. Para Shannon (1948) um sistema de transmissão deve ser capaz de transmitir qualquer dos sinais disponíveis não importando o significado que tenham.

Claro que devemos nos preocupar com a questão comunicativa dos usuários, isso no entanto tem um vasto problema na compreensão da transmissão de mensagens, e por vezes têm a dificuldade de poder interpretá-la e extrair dela o significado esperado pelo emissor. Assim sendo, para Habermas (2009, p. 288) “a experiência hermenêutica traz à consciência a posição do sujeito falante em relação à linguagem”.

Ainda, sobre Habermas (1987, p. 191) a hermenêutica relaciona-se com “uma interpretação que não pode atingir e perpassar um objeto senão na proporção em que o intérprete reflete o objeto e, ao mesmo tempo, a si mesmo, como momento de um conjunto objetivo”. Desta forma, devemos pensar os indícios da informação na Ciência da Informação de forma crítica, visualizando se os paradigmas tão dirimidos na área se de fato vem acompanhada traços epistemológicos.

3 A teoria crítica de Habermas e os paradigmas da Ciência da Informação

Como vimos nos itens anteriores, à construção historiográfica da Ciência da Informação é um tanto complexa, uma vez que em seu pantanal teórico notamos “o consenso e dissenso” em torno de seu modelo, logo, demonstra-se um conflito em seu campo simbólico. Desde já, como já vimos, procuramos relacionar à hermenêutica Habermasiana e os paradigmas da CI, sobretudo, pensando tais paradigmas de forma crítica e emancipatória, sendo relevante permear o terreno histórico-hermenêutico desses paradigmas, principalmente a partir de uma análise crítica traçada nas aporias analíticas.

Para Habermas (2009, p. 137- 138):

As ciências histórico-hermenêuticas obtêm os seus conhecimentos num outro enquadramento metodológico. Aqui, o sentido da avaliação de enunciados não se constitui no sistema de referência de disposição técnica. As esferas da linguagem formalizada e da experiência objetiva ainda não se encontram diferenciadas; pois, nem as teorias estão construídas de modo dedutivo, nem as experiências se encontram organizadas em vista do êxito das operações.

Dessa forma, clarificamos a necessidade de esmiuçar indiciariamente as concepções epistemológicas da Ciência da Informação, sobretudo, numa tentativa de repensar criticamente a sustentação desses paradigmas como um laço homogêneo de uma normatividade na CI. De todo modo, a inquirição de Habermas (1988) engaja em um traço da análise crítica, sendo preponderante ir além das evidências empírico-analíticas que ainda emaranham o campo teórico da Ciência da Informação.

Para o autor, o agir comunicativo tem a atividade de centrar em torno da compreensão, através do diálogo compartilhado indicando a cooperação uma com a outra. Sobretudo a compreensão do objeto como proposta de entender não somente um fenômeno como modelo estético, mas sim no estado transcendente ao seu interior.

Sobre a luz da ciência, configuramos os paradigmas da CI como uma pasta carregada de documentos objetivista, um dossiê que se centra nas condições da logística e do cálculo não averiguando a ação crítica de sua subjetividade como ser latente. Habermas (1988) esboça a questão da não validação dessa objetividade, no qual condiciona a nós compreendermos a partir da consciência hermenêutica.

Assim sendo, consideramos para a CI fenômenos interpretativos e emancipatórios que construam bases comunicativas e conjuntas a partir de uma consciência coletiva.

Neste sentido, a relação coletiva é possível quando:

A consciência hermenêutica destrói a autocompreensão objetivista das ciências tradicionais do espírito. Da vinculação do intérprete científico a sua situação hermenêutica de partida se segue que a objetividade da compreensão (Verstehen) não pode assegurar-se abstraindo dos pres-

supostos, mas somente mediante uma reflexão acerca do complexo de influências e efeitos que une de antemão aos sujeitos cognoscentes com seu objeto (HABERMAS, 1990, p. 282).

Diante das questões objetivista, a validação da compreensão hermenêutica, mostra-nos como podemos analisar um objeto, nesse sentido, a informação e a mediação com os sujeitos cognoscentes que acaba trazendo uma relação de *feedback* de caráter prático com resultado hipotético a ser investigado.

Por seu turno Capurro (2003), aborda o que ele chama de trilema que constituem o campo da CI no século XX, entre eles os paradigmas físico, cognitivo e social. Desse modo, situamos que o ato hermenêutico desses paradigmas condiciona a CI em um terreno empírico não emancipado, preso a regra e leis incompreensivas.

Por conseguinte, os paradigmas da informação⁴ constituíram-se em vertentes que são estudadas e refutadas em seu cerne, buscando um caminho de aprofundamento sobre os fluxos da informação. Araújo (2009, p. 200) conclui em sua investigação que todos os campos que conceituam a informação têm a concepção como uma “coisa”, no qual é dotada de objetividade. Para Rabelo (2010, p. 37) “essa construção do conceito visa aspectos intrínsecos da mensagem (emissão e recepção) e da funcionalidade (num modelo sistêmico)”.

Uma discussão que consideramos ser da herança positivista, no qual traz uma objetividade sistêmica das condições da informação só como aspecto transmissor. Essa condição fisicista sugerida por Capurro (2003) nos paradigmas físico, cognitivo e social reitera para CI objeto de produção, seleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação. Totalmente um estado objetivo da informação como condutor de transmissão, nas relações e aspectos físicos principalmente no trato da informação com técnicas que decorreram de elementos tradicionais das ciências empíricas. “Do ponto de vista histórico [...]. Grande parte dos cientistas positivistas procuravam suas inspirações nas ciências naturais, por outro lado, aqueles classificados como marxistas estavam direcionados sob o ponto de vista das ciências sociais [...]” (SILVA, 2013, p. 85).

4

Paradigma físico está intimamente relacionado com a assim chamada Teoria matemática da informação de Claude Shannon e Warren Weaver (1949-1972) é tomada como modelo na ciência da informação, implicando numa analogia entre a veiculação física de um sinal e a transmissão de uma mensagem. Paradigma cognitivo distinguir entre o conhecimento e seu registro em documentos. A documentação e, em seguida, a ciência da informação têm a ver, aparentemente, em primeiro lugar com os suportes físicos do conhecimento, mas na realidade sua finalidade é a recuperação da própria informação, ou seja, o conteúdo de tais suportes, diretamente ligada ao conteúdo intelectual dos documentos. Paradigma social estuda campos cognitivos está em relação direta com comunidades discursivas (usuário/informação), ou seja, com distintos grupos sociais e de trabalho que constituem uma sociedade moderna. (CAPURRO, 2003, grifo nosso).

5

As ciências empírico-analíticas, o sistema de referência, que pré-avalia o sentido de possíveis proposições científico-experimentais, estabelece regras não só para a construção de teorias, mas também para sua comprovação crítica. O saber empírico analítico é, por conseguinte, um saber prognóstico possível, o empirismo gostaria de assegurar a aparência objetivista nas observações expressas nas proposições básicas: deve aí dar-se fidedignamente algo que seja evidente de modo imediato e sem acrescentarmos subjetivos. (SILVA, 2013, p. 102).

6

As ciências histórico-hermenêuticas obtêm os seus conhecimentos num outro enquadramento metodológico. Aqui, o sentido da avaliação de enunciados não se constitui no sistema de referência de disposição técnica. As esferas da linguagem formalizada e da experiência objetiva ainda não se encontram diferenciadas; pois, nem as teorias estão construídas de modo dedutivo, nem as experiências se encontram organizadas em vista do êxito das operações (HABERMAS, 2009, p. 137-138).

Partindo dessas premissas, em que se adentra o universo de Habermas sobre a compreensão hermenêutica Silva (2013) procura entender o significado dessas relações no campo da CI a partir das ciências empíricas⁵, no qual busca ser um conhecimento mais técnico, no entanto por outro lado o autor situa que devemos entender e compreender as ciências hermenêuticas⁶ para intervir nas relações das ciências empíricas. Em contrapartida, Habermas fomenta três classes que intervêm na importância prática do conhecimento a partir das ciências histórico-hermenêuticas, delas se corresponde “as expressões verbais, as ações e as experiências vivenciais” (HABERMAS, 1987, p. 175). De toda forma essa intersubjetividade traz relações no um olhar reflexivo adentrando o campo epistemológico da ciência da informação, uma práxis social do sujeito tornar-se parte de uma ação questionadora para auxiliar nas questões sociais e das ciências do espírito, convalidando o entendimento de fenômenos que mostram as realidades do sujeito e a sociedade.

Esses paradigmas precisam de uma compreensão que abarca “a experiência hermenêutica e traz à consciência a posição do sujeito falante em relação à linguagem” (HABERMAS, 2009, p. 288). Para um olhar hermenêutico centrado na CI e o limite existencial da informação com o paradigma físicoista, tece-se a criticidade sobre os influxos informacionais e a manifestação dos processos oriundos dos meios de comunicação de massa a partir do rol tecnológico. “O problema técnico se refere à transferência completa das informações do emissor para o receptor. O problema semântico se refere à interpretação do significado obtido pelo receptor, em comparação ao sentido proposto pelo emissor no envio da mensagem” (WEAVER, 1971, p. 27-28).

Esse aspecto clássico da informação tem um emblema de distanciação sobre a intersubjetividade já que a teoria de Shannon e Weaver condicionaram os paradigmas da CI para serem incapazes de entender o nascimento e desenvolvimento da informação ocasionando várias lacunas e incertezas. Para tanto a hermenêutica aborda a objetividade de maneira, a chegar a um conhecimento que se autoanalise possibilitando o interesse emancipatório. Nesse sentido a CI se apoia numa concepção prática conforme Silva (2013) “o saber fazer” já que ela direciona a técnicas do campo a Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia como campos de aplicação, gerando então uma concepção para que se relacione a suas formas ideológicas do conhecimento prático.

Que explicações causais (as quais se apóiam sobre um saber empírico-analítico) possam ser em princípio convertidas em um saber tecnicamente aproveitável, e explicações narrativas (as quais se apóiam em um saber hermenêutico) em um saber prático, permaneceria um fenômeno apenas curioso, caso não pudéssemos explicar e fundamentar esta circunstância como transcendentalmente necessária, a partir da inserção condicional do saber teórico em uma conexão universal de interesse (HABERMAS, 1987, p. 345).

Assim, sobre a quebra dos paradigmas de Capurro (2003) não se representa para convalidar o campo da CI nas questões modernas sobre um enfoque em que se ver “um cientista da informação, como um sociólogo e um psicólogo, em que avalia o

conteúdo da comunicação, sobretudo do ponto de vista do movimento da informação, isto é, observa a informação de sua origem até sua utilização social” (MERTA, 1969, p. 35-36).

A fomentação do cientista da informação é fidedigna, quando as causas que deram origem ao campo da CI verificavam-se na ação técnica e não na ação feita ao sujeito. Assim sendo, a CI afirma seu campo de atuação desde a origem da informação a sua utilização pelo sujeito social, no qual é enunciada como uma ciência social. A CI está em constante evolução na construção do seu núcleo contextualizando os fenômenos a serem estudados.

Na compreensão de Silva (2013, p. 104) “as ciências sociais demarcaram as subjetividades entre os sujeitos intersubjetivos, nas relações traduzidas através da linguagem e da ação do agir comunicativo”. Portanto, a CI tem sua aplicação e estudo no processo de transformar novos conhecimentos, buscando nos processos e métodos em várias áreas do conhecimento e que também busca seu próprio substrato científico.

Sendo assim, Capurro (2003, *online*) concorda que a “raiz da ciência da informação ou, como também poderíamos chamá-la ciência das mensagens, está ligada a todos os aspectos sociais e culturais próprios do mundo humano”. Nessa concepção temos um olhar mais crítico sobre os paradigmas epistemológicos da CI, principalmente no que diz o paradigma físico, cognitivo e social, nas quais são refutáveis nas questões hermenêuticas, uma vez que mostra-se um olhar intenso sobre as veias das ciências dos espíritos e a ciências das culturas.

No estado do espírito humano a CI abarca sua completude no elo positivista das ciências assim é preciso delinear seu campo que para que não sejam remotas somente as ciências da natureza:

Há por acaso uma filosofia da história apoiada em conceitos metafísicos, ou um direito natural semelhante? Mas, se isto pode ser rechaçado, onde está o ponto de apoio para um complexo de princípios que dê conexões e certeza às ciências particular? (DILTHEY, 1956, p. 5).

Dilthey (1956) se propõe analisar as ciências do espírito, observando a distinção das ciências naturais e as ciências do homem como queria os positivistas. Para Dias (1992, p. 23) as ciências do espírito “é essencialmente social e histórica, deve procurar compreender a realidade [...]”. Em base, um olhar para as ciências do espírito como pontos de estudos e a contextualização da CI, embarca nesse estado social e histórico adentrando e compreendo as realidades do seu objeto a informação como instrumento de análise.

Embora Dias (1992) diga que o fortalecimento epistemológico na construção das ciências do espírito, tem como intuito o poder de ser positiva não no sentido positivista de estar subordinada a modelos explicativos, mas sim na própria teoria do conhecimento e de metodologias que se ajustam aos domínios de investigação.

Essas investigações são empregadas na teoria crítica social de Habermas para terminar a sua Teoria do Agir Comunicativo em que o autor traça a questões epistemológicas a filosofia da história como marco de retorno de investigações, sobre a sociedade moderna.

O propósito da presente investigação é introduzir a teoria da ação comunicativa que dê razões aos fundamentos normativos de uma teoria crítica da sociedade. A teoria da ação comunicativa representa uma alternativa a filosofia da história. A teoria da ação comunicativa constitui um marco dentro do qual se pode retomar aquele projeto de estudos interdisciplinares sobre o tipo seletivo de racionalização que representa a modernização capitalista (HABERMAS, 1987, p. 562-563).

Uma questão que pode ser empregada dentro dos paradigmas da informação são os estudos interdisciplinares, sobre o modo de racionalização, a ação comunicativa dentro da historicidade da CI, a exemplo o paradigma físico em que retrata as questões de sinais, presume uma limitação do seu próprio conteúdo e sua personificação sobre o ato de transmitir a informação condensada sem valoração da ação e dos seus aspectos internalista. Sendo até mesmo, sem essa compreensão de linguagem à qual Capurro (2003, *online*), reporta que “implica numa analogia entre a veiculação física de um sinal e a transmissão de uma mensagem, cujos aspectos semânticos e pragmáticos intimamente relacionados ao uso diário do termo informação são explicitamente descartados por Shannon”.

A relação da linguagem é diferente em Habermas (1997), ao analisar a teoria da ação comunicativa o autor observou o procedimento em que corresponde uma manifestação de cooperação mútua, que incluía nada menos um diálogo de dois sujeitos em que através do diálogo buscavam a compreensão e um acordo sobre uma circunstância, para facilitar, conseqüentemente, suas disposições de atividades relacionadas. Assim, o diálogo usualmente facilitaria suas ações como indivíduos, onde constituiriam um censo crítico.

Dada à essa relação, as questões pragmáticas da CI, visto que ao analisar os paradigmas presenciamos “erros” constantes nas ações das técnicas, ou seja, na organização, recuperação, disseminação da informação como todo e seu desenvolvimento com as tecnologias precisam observar incessantemente sobre a interatividade delas como fator, em que se consolide como informação e não mais comensure como “tecnificação” das rédeas bibliométricas e da normatização cognitivista que é secada pela área.

Sobretudo, não mais referindo à racionalidade técnica que:

[...] está mais interessada no método e na eficiência do que na finalidade, delimitando suas dúvidas a ‘de que forma’, e não a ‘por que deveria’. Em um contexto de pesquisa, os teóricos críticos alegam que muitos estudiosos racionalistas ficam tão obcecados com questões envolvendo a técnica, o procedimento e o método correto que esquecem da finalidade humanista do ato da pesquisa. A racionalidade instrumental/técnica geralmente separa o fato do valor em sua obsessão pelo método ‘apropriado’, perdendo, no processo, uma compreensão das escolhas de valor sempre envolvidas na produção dos assim chamados fatos (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 284-285).

Ainda podemos averiguar a finalidade dessa razão técnica, que não vê a finalidade humanística, como as ações de pesquisa na CI, devem então se desvincular da tecnificação e da aporias bibliométricas e cienciométricas como atividades sistêmicas

fechadas e amparar atos como diálogos de informação para analisarem em seu núcleo o processo de compreensão da informação. Nas rédeas da CI podemos empregar nos paradigmas, que Silva (2013) ressalva como um pensamento consolidado e crítico que contraria a ideologia positivista colocada nesses paradigmas para enxergar a questão emancipatória no social. Sendo assim “Habermas defende uma razão autocrítica contra a razão instrumental, manipuladora e violadora do real e do outro. Ele acredita e defende uma razão comunicativa, intersubjetiva, ético-prática” (REIS, 2000, p. 190).

Assim, há algo refutável no que concernem os paradigmas da CI de um lado fisicista e técnico, constituintes dos seus paradigmas epistemológicos, e da hermenêutica, em que para Habermas (1987), faz a reflexão da razão em que é fundamental para o sujeito abandonar o padrão idealista da ciência moderna, e o destroçar desses paradigmas da CI em que se marcam ao observar seu contorno, constituímos lado de emancipar suas ações, para uma nova abordagem social, em que mostra não mais os paradigmas da CI, mas sim em atividades consolidadas na ação comunicativa Habermasiana a partir da compreensão hermenêutica.

4 Considerações finais

Diante do olhar histórico-hermenêutico analisamos que a CI desde sua origem, não tem movido o olhar intersubjetivo (emancipatório) nos seus paradigmas a exemplo do paradigma físico que descreve problemas pragmáticos assumindo uma limitação de seu próprio conteúdo, compreendendo assim um conhecimento empírico.

A ação interdisciplinar da CI mostra como o caráter prático nas relações humanas e na sua efetiva participação do contexto social torna as ações dos indivíduos mais contígua em suas relações, uma vez que preservam sua individualidade e reagem a inércia da objetividade das ciências duras, mas ainda precisa se colocar a discussão sobre as suas aplicações com a informação.

Sendo assim, a interação e a relação interpessoal nas organizações o que mencionamos como a ação comunicativa devem ser planejados para o acesso à informação. Com a ação do ato comunicativo, os paradigmas podem ser observados por uma abordagem mais abrangente, com a proposta de compreender não só os aspectos físicos ou externalista que limitam seu próprio conteúdo de incertezas, mas sim no estado transcendente em que se localiza como ingrediente em seu interior, logo, trazendo possibilidades de concepção e comunicação integradas entre os próprios indivíduos e seus grupos, buscando um entendimento vivo e recíproco.

Deste modo, introduzindo o diálogo, com a compreensão emancipatória que converge nas diversas formas de interpretação mostramos que esses paradigmas podem produzir a racionalização emancipatório, no entanto, é preciso se afastar do modelo empírico-analítico. De todo modo, ao contextualizarmos o ato interrogativo sobre os paradigmas procuramos desvelar essa noção na CI. Compreendemos que essa configuração paradigmática trouxe mais incompreensão do que entendimento.

Com efeito, a compreensão desses fenômenos paradigmáticos na CI tornou-se essencial, pois o uso da emancipação é relevante, uma vez que a reflexão feita fez nos

elucubrar se os paradigmas da CI são emblemas que trazem problemas na Biblioteconomia e na CI, pois os mesmos se relacionam com moldes de suporte tecnicista e positivista. Em razão disso, estamos convencidos que esses paradigmas deixam a CI engessada pelo condicionamento de sua objetividade. Assim, os paradigmas da CI devem ter em sua essência o ato comunicativo, a emancipação dos indivíduos através do diálogo compartilhado.

Uma questão que pode ser empregada dentro dos paradigmas da informação são os estudos interdisciplinares, sobre o modo de racionalização, a ação comunicativa dentro da CI, a exemplo o paradigma físico em que retrata as questões de sinais, presume uma limitação do seu próprio conteúdo e sua personificação sobre o ato de transmitir a informação condensada sem valoração da ação e dos seus aspectos internalista.

A rigor, podemos colocar a compreensão do objeto dos paradigmas da CI como proposta não só de um fenômeno como um modelo estático, mas no estado transcendental de modo, a enxergar os paradigmas não só como um elemento.

Por conseguinte, entendemos que os paradigmas da CI determinam um canal de transmissão onde sufocam a informação, dessa forma, devemos primar os paradigmas de forma a reconstruir o entendimento e a sua compreensão.

O que significa que a teoria de Shannon e Weaver condicionaram os paradigmas da CI para serem incapazes de entender o nascimento e o desenvolvimento da informação, ocasionando assim várias lacunas e incertezas.

Contudo, devemos pensar nos terrenos tomados como verdade, sendo na CI e na Biblioteconomia, nos estudos da mediação da informação e na própria Bibliometria e cienciometria pensando num reformismo necessário para visitar os paradigmas dirimidos da CI.

Referências

APEL, Karl Otto. **Transformação da filosofia I: filosofia analítica, semiótica, hermenêutica**. São Paulo: Loyola, 2000.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2015.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/612/614>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

CÂNDIDO, Josué. **A ética do discurso entre a validade e a factibilidade**. 2007. 178 f. (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Elizabeth de Assis. **Popper e as ciências humanas**. Belém: Ed. da UFPA, 1992.

DILTHEY, W. **Introducción a las ciencias del espíritu**: ensayo del estudio de la sociedad y de la historia. Madrid: Revista del Ociendente, 1956.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus, 1981/1988.

_____. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. **La lógica de las ciencias sociales**. Madrid: Tecnos, 1990.

_____. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade I. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

_____. **Técnica e Ciência como "ideologia"**. Lisboa: Edições 70, 2009.

MERTA, Augustin. Informatics as a branch of science. In: FID/RI - International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. **On theoretical problems of Informatics**. Moscow: ALL-Union for Scientific and Technical Information, 1969. p. 32-40. (FID 435).

RABELLO, Rodrigo. A contribuição da história dos conceitos à ciência da informação: dimensões categóricas-abstratas e analítico-causais. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 3, p. 35-46, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a03.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

REIS, José Carlos. **Escola dos anais**: a inovação em história. São Paulo: Paz e terra, 2000.

SHANNON, Claude E.; A mathematical theory of communication. **The Bell System Technical Journal**, v. 27, p. 379-423, 623-656, jul./oct. 1948. Disponível em: <<http://cm.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2014.

SILVA, Luiz Eduardo Ferreira da. **Ciência como técnica ou técnica como ciência: nas trilhas da Arquivologia e seu status de cientificidade**. 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

WEAVER, Warren. A teoria matemática da comunicação. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.